



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

PROF. JOÃO DE MEIRA (1)

Falar de João de Meira com inteira imparcialidade outrem o faria melhor do que eu, que em mim não reconheço ainda a frieza de ânimo indispensável para o examinar nas suas diversas manifestações. Se não renunciei a fazê-lo, todavia, foi porque a saúde que me causou o desaparecimento de um amigo adquirido em idade em que já nos é dado consegui-los me não veda a limpidez da crítica, tanto mais que o seu diamantino carácter desafia a mais odienta malevolência.

As minhas relações com João de Meira devem ter começado nas aulas de medicina, visto que foi meu discípulo. A memória, porém, já me atraiçoa muito e quando ela começa a lembrá-lo é quando, aos 26 anos, em princípio de 1907 appareceu a defender a sua dissertação inaugural *O Concelho de Guimarães*. Nêsse trabalho, que o júri respectivo classificou com 20 valores, a parte que mais o notabiliza é o capítulo intitulado *História*, o mais completo que a respeito da sua terra natal alguma vez se escreveu. Meira conhecia bem os historiadores portugueses, desde Herculano ao sr. Gama Barros, e os cronistas, desde Fernão Lopes e Gaspar Dias de Bandim aos insulsíssimos autores da *Guimarães agradecida*; formara o seu espírito no meio culto daquelle centro provincial onde vivera Martins Sarmiento e onde teve relações com Alberto Sampaio e o Abade de Tagilde — Oliveira Guimarães —, para citar apenas os de mais evidência, mas era isto pouco para a história que desejava escrever.

(1) Não é costume da *Revista* transcrever artigos doutras publicações. Abre hoje esta excepção pelo valor do estudo e pela autoridade de quem o firma.

Submeteu a exame minucioso os documentos dos *Portugalica monumenta historica*, os existentes no Arquivo da Câmara e da Colegiada de Guimarães, alguns que foram copiados no Arquivo nacional, manuscritos locais em mãos de particulares e então começou a escrever, não havendo uma linha que se não baseie em documento autêntico, precedendo o aproveitamento de uma crítica rigorosa. Liberto de preconceitos de nomes, quando os documentos falavam em desarmonia com asserções dos consagrados preferia-os. Também não tinha o culto das personalidades. Da história política da sua terra durante a primeira dinastia escrevia: «E' uma crônica vaga, sem personalidades, que no seu anonimato deixa desprender melhor os sentimentos colectivos de independência local e fidelidade à autoridade suprema do rei» (pág. 62).

Meira nutria um entranhado amor à sua terra natal e bem o demonstrou escolhendo-a para objecto da sua dissertação. Não se imagine, porém, que esse amor lhe oculte os defeitos da região que tanto affecto lhe merecia. «O verde Minho, o nosso Minho, é como aquela mulher de quem conta Bernardes, na *Floresta* (creio que é o bom Bernardes na sua ingénua *Floresta*) que foi tentar um eremita no seu retiro.

«Esbelta mulher era ela, com o rosto coberto por um véu; mas tam esbelta e tam donairoza, que só de contemplar-lhe a flexuosa elegância, só de aspirar a rescendência do seu perfume, o bom santo se tentou.

«E quando o bom santo, já perdido, já pecador, lhe estendia os braços frementes, a esbelta mulher, com um gesto de serena elegância, ergue tranqüilamente o espesso véu e deixa ver dois olhos como duas gemas de ôvo rolando numa chaga asquerosa que lhe tomava todo o rosto. Ante esta dolorosa aparição, logo o bom eremita fugiu horripilado, arrependido, já de novo santo e para sempre curado da sua paixão.

«Ora naqueles dias em que arrolamos os pelagrosos às dezenas, o verde Minho, o nosso Minho encantador, ergueu ante nós, como a mulher de Bernardes, o véu que lhe escondia a úlcera repelente. Mas eu, longe de fugir como o assustado eremita, se até aí o amava, fiquei-lhe depois querendo com um amor mais doce, mais extremoso, com aquele doce e extremoso amor

que se sente por uma velha mãe cheia de achaques» (Dedicatória a seu pai).

Este sentimento compassivo, demonstração do seu adorável carácter, não vá imaginar-se que desvia o historiador do seu mister de crítico. Leia o leitor este período e julgue da razão com que escrevemos: «Surge 1820 e a série de revoltas e contra-revoltas que convulsionaram o país até 1851. E' a época mais vergonhosa em tôda a história do concelho. O mesmo nome de fidalgo ou homem principal da vila assina cinco e seis vezes diversos autos de câmara proclamando alternativamente a carta ou o regime absoluto, D. Miguel ou D. Pedro, conforme as divisões militares que entravam na vila. No fundo, porém, o espírito público, contra o que já vimos escrito, propendia singularmente para o absolutismo; e foi um dia de júbilo para Guimarães quando o sr. D. Miguel e o sr. chantre da Colegiada atravessaram inesperadamente as ruas em machos albardados. O sr. chantre de jaqueta à espanhola, chapéu derrubado e pau de choupa; sua majestade em *toilette* democraticamente semelhante» (pág. 91).

Do escrúpulo com que a historia é escrita diz bastante o que deixo escrito. Mas ha que apreciar a maneira como ela é apresentada. O estilo é límpido, claro, de quem maneja a lingua com pureza e nitidez, sem que deixe de ter a concisão e gravidade apropriada do assunto tratado, mas o historiador uma vez ou outra não resiste ao sorriso quando a scena descrita lho desafia irresistivelmente. Haja vista o último trecho que transcrevemos e se refere à entrada de D. Miguel em Guimarães.

A segurança com que o assunto é tratado, a elegância com que é apresentado, mostram claramente que não era *O Concelho de Guimarães* a estreia do autor. Bastava mesmo ler as notas para se ter conhecimento de trabalhos seus anteriores.

O início literário de João de Meira realizou-se em 1898 num periódico literário que redigiu com o seu amigo António Garcia. Chamou-se *A Parvónia* e dêle saíram cinco números, sendo o último de 9 de Outubro dêsse ano. A propósito dêste periódico encontrei a nota seguinte num artigo seu: «Reconheço a falta de gramática, a vacuidade das declamações, a injustiça dos

ataques, mas sobretudo, absolvendo tudo, um grande amor do que então eu julgava a verdade». Os redactores eram rapazes que ainda não contavam 17 anos feitos. Três anos depois já esse passado parecia tam distante a João de Meira que escrevia: «O' *Parvónia*, minúsculas vinte páginas amareladas, perdidas, ignoradas, minha iniciação na vida do jornal, não posso reler-vos sem uma lágrima de saudade a embaciar-me o olhar!» (1).

Pude ver depois os cinco números da *Parvónia*, obséquio que devo ao meu distinto colega J. A. Pires de Lima. Fôlha de mocidade, há nela tudo: crónicas ásperas, versos satânicos, mas também emoção, como nas poucas palavras consagradas a um morto ilustre, Martins Sarmento.

Logo depois do desaparecimento da *Parvónia*, em outra fôlha de Guimarães, *A memória*, de que tenho à vista uma colecção incompleta, colaborava o nosso amigo com o pseudónimo *Homo* e com êle subscreveu uma série de crónicas com o título *Espiritas* em que se acentua a sua feição de escritor e humorista. A notar no n.º 5, de 14 de Outubro de 1900, esta notícia: «Parte hoje para o Pôrto a frequentar o 1.º ano da Escola Médica o nosso muito presado colaborador sr. João de Meira, filho do sr. dr. Joaquim José de Meira».

Em 1901, começou a publicar-se em Guimarães o periódico semanal *O Independente*, em cuja redacção tomou parte muito considerável. O programa do jornal consignava como princípios dirigentes a política da liberdade e da boa administração, o progresso material e moral daquella cidade, procurava inspirar-se nas mais elevadas virtudes cívicas e «seria para êle um dogma — são palavras textuais — o respeito pela dignidade pessoal de todo o cidadão».

Nessa fôlha se manifesta João de Meira sob as formas mais variadas. No primeiro ano é êle que a en-

(1) *Independente*, n.º 35 de 13 de Setembro de 1902.

Houve um pequeno engano. Aquellas palavras são transcritas da *Iris* — «Jornal independente do Independente» —, e que vinha inserto na 3.ª página do «Independente», n.º 1, 13 de Julho de 1902, no n.º 35 do 1.º ano do «Independente» da mesma data.

che quasi tãda, desde o artigo do fundo até ao folhetim. Publica versos, traduz trechos dos autores favoritos, presta homenagem aos homens mais notáveis do nosso país. Em dois números successivos encontramos uma *Homenagem a Martins Sarmento* e outra a Camilo Castelo Branco, e ainda no mesmo ano a Antero de Quental (1). Olhando para além das fronteiras, presta o seu culto a Zola no excelente artigo que intitula *O Apostolo da Verdade* (2).

Em 1903, começa a desenhar-se a sua simpatia pelos estudos históricos regionais com a publicação de documentos relativos às fases diversas por que passou Guimarães no comêço das lutas liberais. Depois, à medida que os seus estudos médicos vão progredindo, começa a organizar o inquérito sobre a pelagra a que atrás vimos referências, sem que abandone essa intensa curiosidade histórica.

Em 1905, encontro no periódico uns *Estudos da velha história pátria: o livro de Mumadona* (3) e no ano seguinte uma série de artigos sobre as tradicionais festas académicas a S. Nicolau, publicando uma longa colecção de *bandos* ou programas dessas festas, escrevendo mesmo o relativo ao ano de 1905 (4).

Continuando, porém, a dar cuidados assíduos à redacção do *Independente*, a actividade do meu amigo manifestava-se ainda publicando no periódico literário a *Revista*, do Pôrto, as *Cartas de Camilo Castelo Branco a Francisco Martins Sarmento*, de que se fez uma separata (1905).

No mesmo ano começava a colaborar na *Revista de Guimarães*, onde se estreou com *O Claustro da Collegiada de Guimarães*, em que se manifesta com brilho o espirito critico que tanto se evidencia no *Concelho de Guimarães*. Das invencionices a que deram curso os historiadores da sua terra natal o juvenil historiador faz rapidamente o processo: «Nem Araduca fundada pelos galo-celtas, nem remoto castelo com a inscrição *Via-*

(1) *Independente*, n.ºs 18 e 19.

(2) Idem, n.º 46 de 5 de Outubro de 1902.

(3) Idem, n.º 103 de 6 de Agosto de 1905.

(4) Idem, n.º 211 de 10 de Dezembro de 1905.

-*Maris*, nem templo de Ceres cristianizado por Sam Tiago ou outro santo qualquer, eis a conclusão a que chegamos» ⁽¹⁾. E na sua avidez e culto da verdade, põe em dúvida, à mingua de documento comprovativo, que D. Afonso Henriques nascesse em Guimarães e portanto a lenda do seu baptismo na Igreja de S. Miguel do Castelo ⁽²⁾.

Ainda nessa *Revista* encontro *Os bandos escolásticos da festa de S. Nicolau*, que já tinha visto no *Independente*, em mais correcta lição. Contém a série dos pregões em verso que eram declamados nas ruas e praças por um dos académicos festeiros. Meira pôde encontrar a lista completa desde 1827, faltando apenas o de 1830. Desde 1847 que eles fôram impressos.

Se não está completa a notícia dos trabalhos literários do nosso amigo anteriores à conclusão do seu curso, creio que pouco lhe faltarão. Pelo menos procurei desveladamente não esquecer um só.

O *Concelho de Guimarães* não encontrou apenas acolhida benevolente e aplauso unânime no meio académico; também a imprensa médica lhe dedicou palavras de merecido louvor. A *Medicina Contemporanea* reconhecia, áparte alguns pequenos senões, que o autor devia ter tido grandes dificuldades para conseguir os dados de diversa natureza que figuravam na tese, e concluía: «o que não tem dúvida é que o livro evidencia as aptidões de trabalho do sr. Meira, aliás já demonstradas» ⁽³⁾.

Com mais justiça o apreciava o nosso distinto collega Ferreira de Castro na *Medicina Moderna*, ao escrever: «Tudo isto representa um enorme trabalho de investigação que assume a culminância no capítulo *História* completamente original, bastando por si para formar uma reputação, tal é a soma de investigações e anotações que assinalam as 43 páginas dêste erudito capítulo, em que as faculdades de crítica não são dos menores dotes a apontar ao autor» ⁽⁴⁾.

⁽¹⁾ *Revista de Guimarães*, vol. XXII, 1905, pág. 56.

⁽²⁾ *Revista de Guimarães*, vol. XXIII, 1906, pág. 105.

⁽³⁾ *Medicina Contemporanea*, n.º 10 de Fevereiro de 1907.

⁽⁴⁾ *Medicina Moderna*, n.º 161, de Maio de 1907.

Também o autor foi felicitado pelo seu escrupuloso trabalho por alguns dos homens mais ilustres do nosso país. Entre eles, citarei os srs. Ramalho Ortigão, Teófilo Braga, José Caldas e Henrique de Gama Barros ⁽¹⁾.

Meira, logo depois da sua formatura, começou a preparar-se para concorrer a uma das vagas que então havia na secção cirúrgica da Escola Médico-Cirúrgica do Porto. Alguns meses depois, aparecia a dar as respectivas provas, apresentando como dissertação de concurso o *Parto cesáreo, sua história, sua técnica, seus accidentes e complicações. Suas indicações e prognósticos*.

Não se tratava da obra de um cirurgião feito, visto que o autor apenas vira praticar a seu pai duas cesarianas, mas era uma revista crítica dos trabalhos nacionais e estrangeiros, feita com o maior escrupulo e demonstrando a mesma erudição que já manifestara no seu livro anterior. Meira chega às seguintes conclusões:

«O parto cesáreo data da mais remota antiguidade, mas só modernamente entrou na prática obstétrica corrente, como intervenção de proveito geral reconhecido.

«A sua técnica é relativamente fácil.

«Os accidentes e complicações, que lhe são inherentes, tendem a tornar-se cada vez mais reduzidos e menos para recear.

«São numerosas as causas de distócia, capazes de justificar o seu emprêgo; mas é nas bacias raquíticas que o parto cesáreo encontra mais importante e ampla indicação, umas vezes imposta absolutamente como única intervenção possível, outras apresentando-se em concorrência com várias operações obstétricas.

«O seu prognóstico baixou da alta gravidade que em outros tempos o caracterizou até a feição relativamente benigna que as estatísticas hoje assinalam.

«Em Portugal o parto cesáreo tem sido raras vezes praticado, pois que além dos casos de Lisboa, Porto, Coimbra, Guimarães, Vila do Conde e Louzada, de

⁽¹⁾ Estão publicadas as suas apreciações no *Independente*, n.º 278 de 31 de Março de 1907.

nenhuns outros nos deu conta a investigação a que procedemos.»

No concurso, deu João de Meira demonstrações de qualidades muito notáveis de exposição e argumentação, o que levou o júri a classificá-lo em primeiro lugar. O respectivo despacho tem a data de 7 de Maio de 1908, tomando posse a 14 do mesmo mês.

No exercício do seu cargo de professor coube-lhe reger interinamente a cadeira de Medicina legal, e como tal de dirigir a Morgue do Porto. Meira poz tódá a boa vontade e dedicação no desempenho das suas funções, aumentando dia a dia a sua competência e manifestando uma grande circunspecção ao formular os relatórios dos trabalhos que empreendia e encarando com austera severidade o desempenho do seu papel de perito. Algum vestígio ficou do seu esforço em artigos que publicou na extinta *Gazeta dos Hospitais do Porto*.

A competência que tinha manifestado como historiador no *Concelho de Guimarães* e no *Parto cesáreo*, em que publicou um resumo do que a literatura médica portuguesa lhe ofereceu sobre o assunto, levou-o a ensaiar-se nos estudos de história da medicina, com um pequeno esboço das *Gafarias* de Guimarães.

Quando, em 1910, comecei a publicar uma nova série dos *Arquivos de história da medicina portuguesa*, João de Meira, da melhor vontade, se prestou a coadjuvar-me e o seu nome aparece associado ao meu nesta nova série. Enquanto sentiu forças, em nenhum dos seus números pode dizer-se que deixou de colaborar, manifestando predilecção pelos estudos de clinica histórica, como o provam os artigos *D. Pedro V morreu envenenado?*, *A lepra do Marquês de Pombal*, *A morte de D. Estefânia*, seguindo no encalço de Baschet e Cabanés, mas versando também assuntos de bibliografia, de critica e patologia arcaica na *Peste de 1384 e de 1415*, nos *Gafos do Nobiliário*, etc.

Estava a crear-se como professor de história da medicina, e o Conselho da Faculdade de Medicina do Porto propô-lo para esse cargo, que não chegou a desempenhar. Também quando aquela instituição se resolveu a publicar os seus *Anais*, cujo primeiro volume lá dias se concluiu, foi João de Meira encarregado da

sua direcção, mas já a doença lhe não permitiu colaborar nêsse repositório.

O trabalho literário continuava, porém, a interessá-lo. Buscava nêle distração e repouso. A *Revista de Guimarães* ainda deu os *Subsídios para a história vimaranense no tempo do Prior do Crato*, reprodução de um manuscrito pertencente ao sr. dr. Avelino Germano da Costa Freitas, seguido de outro possuído pelo sr. João Lopes de Faria, e a Sociedade Martins Sarmento, que publica aquela excelente revista, encarregou-o de continuar a obra do abade de Tagilde, Oliveira Guimarães, *Vimaranis Monumenta historica*, em que supônhô que já não pôde trabalhar.

A um periódico do Porto, o *Mundo Ilustrado*, deu um conto fantástico, no género de Conan Doyle, *Um cadáver evadido da Morgue*, que produziu profunda impressão, e a curiosa novela *Eusébio Macário em Guimarães*, imitação de Camilo na sua última fase, tam perfeita que se diria obra do grande escritor.

A revista *O Ave*, de Santo Tirso, deu porém o trabalho de maior valia que publicou, as *Influências estrangeiras em Eça de Queiroz*, em que se mostra crítico profundo e de uma enorme leitura dos escritores francêses que inspiraram o autor do *Crime do Padre Amaro*.

De poucos é conhecida a colecção de *pastiches* que Meira improvisou «das 10 às 2 horas da noite» para um jantar que os meus colegas me ofereceram quando me vi forçado a deixar o professorado. O meu amigo, que de vez em quando publicava nos periódicos versos imitados de Cesário Verde, de Antero, etc., que mistificavam os mais entendidos, imitou trechos de autores antigos e modernos numa realização perfeita.

Ainda depois publicou uma *Reincidência*, em que foi ampliada a série das imitações, todas excelentes. Cometi já a inconfidência de publicar alguns desses trechos, mas não recaírei no delíto, para que se não suponha que quero reviver da vida do morto.

O ano de 1913 foi um longo martírio para êle e para os que lhe queriam. Em Guimarães e na pequena povoação de Gominhães, ora um sopro de esperança lhe alentava o ânimo, ora um recrudecer do mal o levava a encarar com resignação o têrmo de quem se

sentia *quasi evaporado*. Afinal, lá repousa onde desejou morrer «junto da modesta ermida e tamanha em nosso amor, tam querida já dos avós, na sepultura humilde que o vidoeiro ensombra pela tarde».

João de Meira foi uma ridentíssima esperança malograda. As suas aptidões literárias e a sua cultura ficaram bem evidenciadas, mas não teve tempo de produzir as obras definitivas que havia direito a esperar. Como historiador, aí ficam algumas páginas que não esquecerão sobre a sua terra natal. Como professor de medicina, as suas lições e os seus trabalhos, de quem voluntariamente se submetia a uma severa disciplina de trabalho, demonstram que honraria a cátedra se lho consentisse o curto espaço em que por ela passou.

Bem o sentiu Guimarães nas demonstrações de saúde que lhe deu por ocasião do seu falecimento. A prestar-lhe homenagem acudiu tudo quanto a velha cidade tem de mais distinto. Não faltaram também a ela os seus colegas no professorado. Pela boca do professor Augusto Brandão, que já fôra mestre de seu pai, lhe deu o último adeus a Faculdade que teve a fortuna de lhe apreciar o talento e o carácter. Das suas palavras corto este escôrço do trabalho docente de João de Meira: «Foi-lhe dado reger uma cadeira em que os conhecimentos médicos têm de esclarecer os mais delicados problemas ligados à administração da justiça. Ao serviço dela poz uma análise subtil, uma observação meticolosa e uma honestidade de processos que o impunham a consideração dos que assistiam ao seu trabalho consciente». Pela Sociedade Martins Sarmiento, o sr. Domingos Leite de Castro disse com inteira justiça: «João de Meira, nos seus 32 anos, era já um erudito. Além do seu saber profissional, e ao mesmo tempo que dava o fruto saboroso e são, dava também a flor fina e perfumada; era um artista. Era também um patriota; tinha um verdadeiro amor à sua pequena pátria, e o seu livro perfeito — *O Concelho de Guimarães* — em que lançou as bases de renovação da nossa história, é a prova de tudo isso». Pelos médicos da sua terra, o sr. Pedro Guimarães resumiu o seu sentimento ao proferir este juízo: «A história quando falar dele há-de dar razão ao orgulho que Guimarães sentia em lhe chamar seu filho».

Todavia, para a minha saúde, ainda hoje tam viva como ontem, tôdas estas demonstrações de estima e aprêço, tudo me parece pouco.

MAXIMIANO LEMOS.

Antes de sair *A Parvonia* (o primeiro número tem a data V-VIII-XCVIII), começou João Meyra a publicar n' *O Commercio de Guimarães* uma série de sonetos, talvez influenciados na poesia filosófica de Antero. O primeiro — *Visão* —, escrito no Pôrto em 9-5-98, appareceu no número 1295 daquele bi-semanário, a 3 de Junho do mesmo ano de 1898. Seguiram outros — *Fatum, Duvida, Vae Victoribus, Fiat Lux!..., Quid est veritas?, Spartacus*.
